

LANÇAMENTO «CHOREI DE VÉSPERA - ENSAIO SOBRE A MORTE, POR AMOR À VIDA»

9 de Março de 2016

FNAC Oeiras Parque

Agradecimentos

- Ao Prof Eugénio Lisboa, pela disponibilidade imediata para apresentar este livro. Ele provavelmente não se lembra - e eu também só me lembrei depois de o convidar - que a última vez que nos vimos foi poucos dias antes do derrame cerebral pretexto deste livro. Foi um dos entrevistados para o trabalho que estava a fazer sobre a Liberdade

- À Maria Almeida, pela leitura dramatizada

- Aos amigos e à família, que, como disse já a muitos, não têm nome próprio neste livro porque entendi que não me cabia decidir se queriam esta exposição. Mas estão em todas as páginas

- Ao Francisco Camacho, um agradecimento muito especial. Por não ter sido apenas um editor de texto, mas, sobretudo, um editor de sensibilidades. Apesar de nos conhecermos mal, percebeu imediatamente que pressionar-me seria sinónimo de fazer-me desistir de publicar. Ao contrário do que é a minha faceta normal - geralmente muito segura do que quero - a publicação deste livro esteve sempre - e continua a estar - assombrada pela dúvida.

O Francisco conseguiu o difícil feito de respeitar as minhas hesitações e, ao mesmo tempo, impedir que me vencessem. Foi uma espécie de mão invisível. Nunca demasiado pesada. Mas sempre presente. Obrigada!

Sobre os Porquês

Confessar estas dúvidas leva-me a dizer-vos que tinha pensado dedicar as minhas palavras aos Porquês desta publicação.

Há os Porquês da ciência. Daqui a uma semana parto para Harvard, onde vou apresentar uma comunicação sobre as neurociências e o jornalismo literário. Nas muitas pesquisas que tive de fazer encontrei - sem querer - uma explicação para a necessidade de escrever este livro. O neuropsicólogo Raymond Mar concluiu que: "Quanto mais coerente e organizado o relato criado para um trauma passado, maior a probabilidade de ganhos salutareos em resultado dessa narrativa. Criar uma história coerente de um evento traumático é incorporá-lo na sua auto-representação, fundamental para um tratamento de sucesso".

Mas isto que acabo de vos dizer explica, no máximo, a necessidade que senti em escrever. Não explica o porquê da publicação.

Esse salto entre o escrever para mim ou escrever para os outros continua sem uma explicação que me convença. Foi porque, ao organizar uma das "Novas Conferências do Casino" sobre a morte, fiz muitas leituras que me ajudaram a dar sentido coletivo à minha história. Foi porque,

depois de ler Roger-Pol Droit conclui que, como ele, tinha de assumir a responsabilidade de estar viva. Ou foi porque alguém me disse que a minha era uma "história bonita"?

Sobre a imortalidade

Pode ter sido por tudo isso. Mas nada disso me satisfaz enquanto explicação. Por isso, decidi que este lançamento tinha de ser sobre a imortalidade.

E imortalidade só conheço uma: a arte.

Como a tragédia é humana (ninguém se safava dela) e a comédia é divina (só alguns a tocam), decidi marcar a vossa memória deste lançamento com HUMOR. O meu e o dos outros.

É como disse Voltaire: «Pararia de ir morrendo se me ocorresse uma bela frase ou uma palavra espirituosa».

Para os que possam estar muito admirados com a tónica no humor no lançamento de um livro que tem no mesmo título a palavra "Chorei" e a palavra "morte", respondo-vos com um "Freud Explica"! E não é brincadeira, explica mesmo. No ensaio que escreveu sobre o "Humor", Freud explica que o recurso ao humor negro em situações difíceis se deve ao facto de "o ego se recusar a ficar angustiado pelas provocações da realidade" e usa-as como uma "oportunidade para conquistar prazer".

Como nunca tive muito jeito para contar anedotas - mas quero mesmo que saiam daqui a rir - decidi fazer uma pesquisa por "humor e morte" (em inglês, porque em Português parece que não conseguimos conjugar as duas palavras). Encontrei coisas tão extraordinárias como um "Funeral Helper", com textos humorísticos sobre a morte; uma página do Pint Rest sobre humor e morte. E até - esta foi a minha favorita! - um fórum de pensionistas ingleses que partilham piadas sobre a morte. Humor britânico, claro está.

Depois há os clássicos. O espírito prático de Ronald Reagan que, depois de alvejado, disse aos médicos das urgências: "Espero que sejam todos republicanos". A chico-espertice de Woody Allen (uma das minhas favoritas!): "Não é que tenha medo de morrer, só não quero estar lá quando acontecer". Serei uma fiel seguidora desta estratégia.

Termino com humor, mas caseiro. Há dias, almoçando em família num restaurante, começaram a provocar-me sobre a publicação do livro e eu ameacei: "É melhor pararem, senão ainda escrevo outro!" Ao que me responderam: "Boa ideia! Mas como já choraste de véspera, agora o título tem de ser 'Ri no dia seguinte!'"

Obrigada por me fazerem rir - no dia seguinte e sempre.

Estoril, 6 de Março de 2016

Isabel Nery